



CAMPO DE SANGUE

Dulce Maria Cardoso

campo
de sangue

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

*À memória do meu pai, José Pinto Cardoso, o meu único herói.
À minha mãe, a nossa fada.
Ao Luís, porque a história se repete.*

© 2018, Dulce Maria Cardoso
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Campo de Sangue*
Autora: Dulce Maria Cardoso
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Agosto de 2018

ISBN 978-989-671-447-5
Depósito Legal n.º 443095/18

Ainda Ele falava, quando apareceu Judas, um dos doze, e com ele uma grande multidão, com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. O traidor tinha-lhes dado este sinal: «Aquele que eu beijar, é Esse mesmo. Prendei-O.»

MT. 26, 47-50.

Então Judas, que O entregara, vendo que Ele tinha sido condenado, foi tocado pelo remorso e devolveu as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos (...). Depois de terem deliberado compraram com elas o «campo do oleiro» para servir de cemitério aos estrangeiros. Por tal razão, aquele campo é chamado até ao dia de hoje — Campo de Sangue.

MT. 27, 2-9.

Esse homem, depois de ter adquirido um terreno com o salário do seu crime, precipitou-se de cabeça para baixo e todas as suas entranhas se espalharam. O facto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, a tal ponto que esse terreno foi, na língua deles, chamado HAKELDAMÁ, que quer dizer: Campo de Sangue.

ACT. 1, 18-20.

*Os pensamentos dos mortais são tímidos e incertas
as nossas concepções, porque o corpo corruptível
torna pesada a alma.*

SAB. 9, 14-15

Estão quatro mulheres na sala. Destas mulheres é preciso saber antes de tudo que aqui vieram por causa de um homem que cometeu um crime e que se por acaso se encontrassem na rua não se cumprimentariam.

Esperam. Em silêncio, sem saber o que fazer com as mãos e com os olhos. Ainda que prendam as mãos como às vezes fazem, entrelaçando-as sobre o regaço, ou as libertem abandonando-as sobre o banco de madeira, ainda que encontrem um sítio certo para as mãos, sobram os olhos que se desviam uns dos outros, os olhos que, elas sabem, só repousarão se fechados.

Mas as quatro mulheres têm de se vigiar, e por isso soltam os olhos na sala, deixam-nos percorrer as paredes, retêm pormenores das paredes, tropeçam no reboco mais rugoso, uma pincelada de tinta mais carregada, uma dedada imperceptível, um insecto esmagado, os olhos ávidos esmiúçam tudo, fios de estuque estalado, uma saliência naquele canto, uma depressão mais ao fundo, os olhos cansam-se, fecham-se, abrem-se ainda cegos, recomeçam, a mancha amarelada junto do rodapé...

Na verdade nenhuma das quatro mulheres quer ou sabe estar nesta sala tão acanhada. Sentem que qualquer voz será despropositada nesta sala desconfortável de luz turva, as quatro mulheres mantêm-se caladas apesar da angústia de ali estarem, decifram barulhos que vêm de fora, o silêncio na sala permite-lhes ouvir um carro que trava, um pássaro a piar, vozes, o som seco de uma porta que bate, as quatro mulheres inquietam-se com o que não são capazes de identificar, será uma criança a chorar, gatas com cio, mexem-se desconfortáveis nos bancos corridos de madeira, continuam atentas, inclinam mais a cabeça na direcção dos ruídos, fogem da sala entretidas neste jogo, gastam tempo, há um homem que tosse, sim, é claramente um homem que tosse, retornam aliviadas às mãos, as mãos têm tantas linhas onde se podem perder, a linha da vida, do coração e da saúde, uma cicatriz, linhas paralelas, perpendiculares, uma encruzilhada, a queimadura no forno, as unhas esgarçadas, as quatro mulheres, que se por acaso se encontrassem na rua nem sequer se cumprimentariam, esperam presas na luz turva da sala.

A primeira mulher do lado da porta, a mãe dele, prende as mãos ao terço que tira da carteira preta muito lustrosa com um cheiro intenso a cabedal. Fecha os olhos e encosta a cabeça à parede, as mechas de cabelo cinzento confundem-se com a cor suja da parede, começa a rezar, encontra, pelo menos assim parece, a paz necessária para permanecer na sala.

A segunda mulher, a ex-mulher dele, olha por uma janela aberta que não dá para lado algum, ou melhor, dá para um saguão preenchido por outras janelas que também não dão para lado algum. É um paralelepípedo de ar, com faces

cheias de bolor, um sítio feio para se olhar mas o único para onde os olhos fogem com segurança. É desta janela sem vista que entra o feixe de luz turva que ensombra a sala, mas a ex-mulher sabe que lá fora está uma bonita manhã de Primavera e que no jardim a árvore-de-Judas está carregadilha de flores.

Com o cigarro apertado entre os dedos segue as espirais do fumo que se misturam na luz coada. Apaga o cigarro esborrachando-o num pequeno cinzeiro portátil que guarda na carteira e recomeça a brincar com o isqueiro acendendo-o várias vezes, provocando estalidos monótonos até que a pele do polegar da mão direita fica marcada por um vermelho-clarinho, a roda metálica do isqueiro arranha-lhe a pele, as outras mulheres olham-na e nesse instante, quando os olhos lhe cercam as mãos, desiste do isqueiro, abre a cigarreira, espalha os cigarros para os ordenar de seguida, acende mais um cigarro que deixa a queimar, distraída, na mão magra de pele muito branca. Umhas mãos de cera quase falsas, como ele sempre lhe dissera.

A terceira mulher, a senhoria dele, reconheceu a segunda mulher e repara que a cigarreira e o isqueiro parecem de ouro, podia jurar que eram de ouro, os dois objectos têm letras gravadas, entrelaçadas, decifra um esse, uma das letras é um esse, qual será a outra, a senhoria não consegue saber. Quando a ex-mulher acende um cigarro a senhoria olha desafiadora para o aviso que está pendurado na parede, um círculo vermelho com um cigarro aceso cortado com um traço, sinal de leitura fácil que proíbe o fumo. A ex-mulher segue-lhe o olhar e puxa o fumo com indiferença. De manhã, o tabaco enjoa-a, mas não sabe o que fazer na sala, está cansada de gestos, de fugir com os olhos, queima

a espera nas pontas dos cigarros, o tempo incendiado paira sobre ela, suspenso. Acaba de fumar, deixa cair os braços, as inúmeras pulseiras douradas e finas tocam umas nas outras, por instantes um som de festa na sala. Levanta o braço direito, as pulseiras tornam a tilintar, limpa com cuidado as gotas de suor da cara, não quer estragar a maquilhagem, cruza as pernas com irritação, tira um livro do saco que tem pendurado no ombro, abre-o com vagar na página dobrada no canto superior direito, deixa os olhos pousados nas letras, as palavras não a levam para fora da sala, ali fica, está cada vez mais enjoada, dobra a pequena marca no canto superior direito da página e guarda novamente o livro.

A ex-mulher olha para as mãos da mãe. Os dedos deformados avançam mecânicos pelas contas do rosário, dedos encurvados, garras, um animal a sibilar rezas, fecha os olhos, com força, mais força, com os olhos bem fechados rebentam-lhe nas pálpebras pequeninas luzes, a ex-mulher conclui que nunca gostou da sogra e espanta-se de como, presa no escuro guiada por pequeninas luzes que lhe rebentam nas pálpebras, percebe de forma tão irreversível esse não gosto.

A senhoria tira da carteira de verniz branco um espelhinho de mão, dourado, com dalias amarelas pintadas nas costas de porcelana, e limpa cuidadosamente os restos de encarnado que se acumulam nas gretas dos lábios descaídos que lhe dão um ar muito triste. Os dedos gordos pegam no batom, retiram-lhe a tampa que faz um barulho de ventosa e rodam ligeiramente a base até aparecer um cilindro cremoso da cor de sangue desmaiado. A senhoria, que se esforça por não tremer, segura o batom com o polegar e o indicador da mão direita, desenha os novos lábios em frente

ao espelhinho, amassa-os um contra o outro, testa o sorriso pintado de fresco, o creme untuoso ultrapassou os lábios, a senhoria retira pacientemente o excesso com o indicador, o creme untuoso também lhe sujou os dentes, limpa-os com o mesmo indicador, os dentes chiam ao serem ligeiramente friccionados, guarda o batom e o espelhinho na carteira de verniz branco. Sente-se melhor e sorri. Está satisfeita com os lábios novos, mas as outras mulheres não correspondem ao sorriso, a senhoria torce o pescoço em direcção à janela, uma planta à procura de luz, de ar, mas no saguão o ar está parado e a luz turva, a senhoria endireita o pescoço, uma planta murcha, abre novamente a carteira de verniz branco, os dedos gordos vasculham-na até que encontram um toalhete de uma companhia aérea. Enquanto abre o pacote a senhoria assume um ar extraordinariamente sério e rasga o invólucro plastificado no sítio indicado pelo tracejado. Retira o toalhete e estende-o na mão, é um quadrado de papel branco encharcado num cheiro de rosas, a senhoria descontrai-se, passa lentamente o papel na papada que quase lhe esconde o queixo, atrás do pescoço, nos pulsos, nas mãos, besunta-se com o cheiro das rosas, mais confortada amachuca o quadrado de papel tornando-o uma pequena bola, levanta o corpo gordo do banco de madeira, caminha sobre os sapatos de verniz branco, uns sapatos muito apertados que lhe incham os pés, passos dolorosos, aproxima-se da janela do saguão para deitar fora a bola de papel. Espreita para baixo, há mais cinco janelas iguais até ao chão, muitas caixas de ar condicionado, distrai-se com o emaranhado de fios eléctricos, segue-os até ao fim, no rés-do-chão estão os exaustores, franze o nariz, reconhece carne e couves cozinhadas, regressa ao seu lugar com a mesma dificuldade

nos passos, os pés arroxeados pelos tornos de verniz branco, mas quando se senta não sabe o que fazer na sala, onde prender as mãos, onde pousar os olhos, compraz-se com o cheiro a rosas.

A quarta mulher, a mais jovem, está grávida dele. Foi a última a chegar e não consegue ficar muito tempo sentada, levanta-se, senta-se, o banco de madeira é demasiado duro, tem calor, demasiado calor. Quando se levanta apoia as mãos no banco e soergue-se de uma só vez. Tem cabelos louros de criança que não penteou, é uma criança selvagem que morde os próprios lábios. Está vestida com uma blusa às florinhas e umas calças largas, nos pés tem umas sandálias gastas de tiras de cabedal. As outras mulheres vêem a dificuldade com que ela se move mas não sentem pena ou qualquer outra coisa, limitam-se a ver a dificuldade com que se move. A rapariga eleva a cabeça, sai ativa da sala, procura o corredor onde poderá andar de um lado para o outro. Na sua ausência as três mulheres não cedem à tentação de se falarem, olham para o saco plástico que ela deixou pousado no banco, um sítio seguro onde podem descansar os olhos, a única garantia de que ela voltará, todas gostariam de saber o que o saco guarda. A rapariga regressa, desta vez demorou-se um pouco mais, as outras olham-na, a rapariga caminha empinando a barriga volumosa que parece exagerada num corpo tão miúdo. Há um estado de graça na maternidade que nela não se cumpre. Talvez seja a altivez com que se move, a irritante blusa às florinhas, o cabelo louro de criança por pentear.

Continuam à espera. Em silêncio, sentadas nos bancos corridos de madeira. Daqui a pouco, a mãe recomeçará outro mistério, a ex-mulher acenderá outro cigarro, a senho-

ria pegará novamente no batom e no espelhinho com dalias amarelas nas costas de porcelana e a rapariga tornará a sair da sala para andar no corredor. Até lá esperam e cada uma só conhece realmente das outras este acto de esperar.

*Hoje vemos como por um espelho, de maneira confusa,
mas então veremos face a face.
Hoje conheço de maneira imperfeita:
então, conhecerei exactamente, como também sou conhecido.*

I COR. 13, 12

Portavam-se como amantes. Tomavam as precauções dos amantes. Chegavam separados com algum tempo de diferença e fingiam surpresa quando se viam para que aos olhos dos outros o encontro parecesse casual. Escolhiam os locais segundo as regras dos amantes, qualquer um desde que afastado de tudo o que os pudesse denunciar. Gostavam de esplanadas perto do mar, encontravam-se muitas vezes em esplanadas.

Estavam sentados numa mesa recuada e falavam em voz baixa. Pediram vinho branco gelado e acenderam cigarros que deixaram arder no ar quente da tarde. Pareciam felizes. Encheram os copos de vinho.

— Vamos brindar?

— A quê?

— À tua viagem pelas ilhas gregas.

Eva pousou o copo. — Não são as ilhas gregas — mas logo depois, — mas são na mesma ilhas, se queres brindar.

— Pensei que estavas contente.

— Achas que nos tornámos bêbados — disse Eva levando o copo à boca — ou que me vou tornar?

— Não. Claro que não. Fala-me das ilhas.

Dulce Maria Cardoso nasceu em Trás-os-Montes, em 1964. Publicou os romances *O Retorno* (2011, Prémio Especial da Crítica; Livro do Ano dos jornais *Público* e *Expresso*), *O Chão dos Pardais* (2009, Prémio PEN Clube Português e Prémio Ciranda), *Os Meus Sentimentos* (2005, Prémio da União Europeia para a Literatura) e *Campo de Sangue* (2001, Prémio Acontece; escrito na sequência da atribuição de uma Bolsa de Criação Literária pelo Ministério da Cultura). Os seus livros estão traduzidos em várias línguas e publicados em mais de duas dezenas de países. A tradução inglesa de *O Retorno* recebeu, em 2016, o English PEN Translates Award.

A antologia *Tudo São Histórias de Amor* (2013) reúne grande parte dos contos publicados em revistas e jornais. Alguns destes textos integram antologias estrangeiras, e o conto «Anjos por dentro» foi escolhido para a antologia *Best European Fiction 2012*, publicado pela prestigiada Dalkey Archive Press. Publicou ainda o livro *Rosas* (2017) e as histórias infanto-juvenis de Lôá, a menina-Deus (2014).

A obra de Dulce Maria Cardoso é estudada em universidades de vários países e tem sido objecto de adaptações para cinema e teatro. Em 2012, recebeu do Estado francês a condecoração de Cavaleira da Ordem das Artes e Letras.

campo de sangue

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em Julho de 2018.